

Mais*

PATRIMÔNIO DA CIDADE

A Pedra de Xangô, um dos pontos mais significativos de referência para o povo de santo em Salvador, vai ser tombada hoje como patrimônio da cidade. É o resultado de uma luta de oito anos de terreiros de Cajazeiras

TOMBAMENTO CAJAZEIRAS

Justiça para Xangô

FOTOS DE MAURO AKIN NASSOR

Monumento natural será tombado hoje à tarde em Salvador

Thais Borges

thais.borges@redebahia.com.br

Orixá da justiça, Xangô é rei e onipresente. Em Salvador, ele tem um de seus palácios. É a Pedra de Xangô, em Cajazeiras 10. Só que o monumento sagrado – um dos principais símbolos das religiões de matriz africana na cidade – não vem sendo tratado como deveria. Por isso, o sonho de muita gente, como da ialorixá Iara de Oxum, era ver a Pedra de Xangô ser preservada pelo restante da sociedade.

“Há oito anos, lutamos por isso, com a criação da Associação Parque das Águas e com a Caminhada da Pedra de Xangô, que teve a primeira edição em 2010. Antes, isso aqui era tudo mata fechada, mas começaram a vir moradores, invasões e muito descaso”, lembra Mãe Iara, uma das vozes mais ressoantes no processo de tombamento da Pedra. Agora, o anseio de Mãe Iara e de tantos outros adeptos do candomblé deve receber uma resposta: hoje, às 14h30, a Pedra de Xangô será oficialmente tombada pelo município.

Segundo a prefeitura, o processo de tombamento foi aberto a partir das solicitações de entidades como a Associação Pássaros das Águas, presidida por Mãe Iara, e a Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-Ameríndia, além da Câmara Municipal. A Pedra de Xangô é o terceiro bem tombado pelo município – antes, foram o terreiro Vodun Zo e o Cristo da Barra.

“A Pedra de Xangô é um grande marco de resistência do bairro de Cajazeiras e da comunidade negra de Salvador. Ela tem uma importância muito grande porque ali era um quilombo e ela se transformou numa grande referência para as religiões afro-brasileiras. É um monumento importantíssimo que corre o risco de ser destruído para a especulação imobiliária”, opina o presidente da Fundação Gregório de Mattos (FGM), Fernando Guerreiro. A entidade é a responsável pelo tombamento.

SALVAGUARDAR

Desde o ano passado, com o

Pedra de Xangô passou por limpeza



É uma salvaguarda. Significa saber que nunca vão implodi-la, que vão ter que preservar Mãe Iara de Oxum

Ialorixá do terreiro Ilê T'Omim Kíosisé Ayô, em Cajazeiras 11



novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador (PDDU), a região de 17 hectares onde fica a Pedra de Xangô foi oficializada como Área de Proteção Ambiental (APA). Além disso, de acordo com a prefeitura, a Secretaria Municipal de Cidade Sustentável e Inovação (Secis) está desenvolvendo um projeto para a construção de um parque, que será chamado Rede Pedra de Xangô.

A ideia é que o espaço receba anfiteatro, ciclovia, espaço reservado para cultos e cerimônias religiosas. Segundo a prefeitura, no entanto, não há prazo para que esse projeto seja concluído – eles reforçam que nada será instalado sem a aprovação da comunidade.

Apesar dessas iniciativas, faltava um reconhecimento maior para aquela que é um símbolo da resistência das religiões de matriz africana por aqui e no mundo. Para as casas de candomblé ligadas à Pedra de Xangô, isso só será possível agora, com o tombamento.

“Isso representa uma salva-

guarda. Significa saber, por exemplo, que nunca vão implodi-la. Significa que os poderes públicos vão ter que preservar”, explica a ialorixá Mãe Iara, com lágrimas nos olhos.

OSSÉ

Sacerdotisa do terreiro Ilê T'Omim Kíosisé Ayô, em Cajazeiras 11, Mãe Iara liderou, ontem, a limpeza e a preparação do monumento sagrado, ao lado dos filhos de santo.

Era o ossé, ritual de limpeza espiritual que promove na Pedra de Xangô. Ontem à tarde, eles usavam um carro-pipa para ajudar. “É igual a fazer uma festa em casa. Você vai receber gente em casa se estiver tudo sujo? Essa lavagem faz parte do ossé também”, diz.

Para o agbagigan do Terreiro do Bogum, Everaldo Duarte, o título também é um reconhecimento do trabalho feito pelo povo de santo, por parte do poder público. Ele também acredita que, sem atuação das casas de candomblé, a exploração imobiliária poderia ter destruído o monumento sa-

grado – a própria construção da Avenida Assis Valente, que deixou a Pedra às margens da via, seria uma prova disso. “Uma vez tomada essa decisão, acreditamos que a preservação seja muito mais fácil de se manter”, afirma.

Com a criação do Parque Rede Pedra de Xangô, passará a existir um conselho para cuidar do local. Segundo a prefeitura, a função do conselho será organizar e definir regras de ocupação e uso do parque. A ideia é que a entidade conte com representantes da sociedade civil, do poder público e do setor privado.

“O tombamento não é o fim de um processo, é o início. A comunidade vai estar mais fortalecida para cuidar da Pedra, para começar o processo de transformação. Da mesma forma (o Memorial Irmã Dulce hoje é um ponto de convergência. A gente pode transformar num ponto de atração de turismo religioso como o Di-que, a Praça da Bíblia”, diz o presidente da FGM, Fernando Guerreiro.

MAIS PROCESSOS DE TOMBAMENTO

A Pedra de Xangô e o Cristo da Barra não deverão ser os únicos tombados pelo município de Salvador. Já estão em curso os processos de tombamento da Igreja dos Afritos, no Centro; Casa de Retiro São Francisco, em Brotas; terreiro Ilê Asê Kalé Bokun, em Plataforma; e Marco de Fundação da Cidade do Salvador, na Barra.

JUSTIÇA

Condenado por agredir ex, Cristiano Rangel é preso em restaurante de shopping >> pág. 14

LAVA JATO

Ex-ministro José Dirceu deixa a prisão e vai usar tornozeleira eletrônica >> pág. 18



Mãe Iara de Oxum liderou, ontem, o ossé, ritual de limpeza espiritual da Pedra



Além da Pedra, entorno de 17 hectares tornou-se Área de Preservação

O QUE JÁ FOI TOMBADO

- **Terreiro Vodun Zo**
Localizado no Curuzu, na Liberdade, foi o primeiro a ser tombado pelo município, em janeiro de 2016.
- **Cristo da Barra** Tombado pelo município em março deste ano, como parte dos 468 anos de Salvador.
- **Fonte do Dique do Tororó** Tombada em 1981, pelo governo do estado.



MARINA SILVA/ARQUIVO CORREIO

- **Forte de São Diogo**
Tombado em 2002, pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac). Forte de São Diogo é um dos três que ficam no bairro da Barra
- **Palácio da Aclamação**
Localizado na Avenida Sete, foi tombado em 2010.
- **Largo de Santana A famosa Dinha** teve 'seu' largo tombado em 1985, por decreto estadual.
- **Parque São Bartolomeu**

Pedra era um sinal de liberdade

A Pedra de Xangô é um marco da resistência das religiões de matriz africana. Segundo o agbagan do Terreiro do Bogum, Everaldo Duarte, ela representa também a libertação dos negros que foram escravizados na região.

"Ali é um divisor, um limite de terras. Havia uma concentração de senzalas de um lado e a pedra separava a liberdade. Muitos escravos conseguiram passar por aquela fenda na pedra", explica ele, que reforça que a Pedra representou a passagem de cativos para um espaço livre.

Além disso, ali está Xangô. "Para nós, ele é o orixá que faz justiça para as pessoas. Ele mora ali, como um dos palácios dele. Ele é onipresente, mas, ali, ele tem uma força que ele dedica às pessoas que fugiram", conta. Para ele, o local representa tranquilidade e paz. Ali, às margens da pedra, Duarte explica que os candomblecistas acre-

● Ali é um divisor, um limite. Havia uma concentração de senzalas de um lado e a pedra separava a liberdade. Muitos escravos conseguiram passar por aquela fenda

Everaldo Duarte

Agbagan do Terreiro do Bogum, sobre o significado histórico do monumento

ditam que têm um espaço com a proteção de Xangô.

Para a ialorixá Mãe Iara de Oxum, do terreiro Ilê T' Omím Kíósisé Ayó, em Cajazeiras II, a Pedra de Xangô representa sua fé e sua ancestralidade. "É o ar que eu respiro. Nossos ancestrais vieram em um navio negreiro e foram escravizados, mas, mesmo assim, preservaram nossa religião. Eles resistiram e lutaram", afirma.

Ali, em Cajazeiras, também existiu um quilombo - era o Quilombo do Orobu. Naquela época, a mata fechada ainda circundava a pedra. Um rio também passava por ali. "Quando cheguei aqui, em 89, ainda existia o rio. Em 2004, com as obras da (Avenida) Assis Valente, o rio secou. E a Pedra ficou exposta", lembra ela. Foi quando sua luta começou - inicialmente com a Caminhada da Pedra de Xangô, cuja primeira edição foi realizada em 2010.



EVANDRO VEIGA/ARQUIVO CORREIO

Tombado pelo governo do estado em 2002.

- **Hospital Santa Isabel** Foi tombado em 1984 por um decreto estadual.
- **Terreiro Ilê Axé Oxumaré** Foi tombado em 2004.

Cristo da Barra, como é conhecido, foi tombado em março deste ano